

O SORRISO COMO RECURSO TERAPÊUTICO À CRIANÇA HOSPITALIZADA: LIÇÕES DOS PALHAÇOS DOUTORES DO GRUPO SORRISO DE PLANTÃO PARA UM CUIDADO HUMANIZADO

Andressa Lima Cavalcante¹

Laise Gabrielly Matias de Lima Santos²

Maria Rosa da Silva³

Daniela Sandes Valentim⁴

Maria Cícera dos Santos Albuquerque⁵

Enfermagem



ISSN IMPRESSO 1980-1769

ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

RESUMO

Este estudo descreve o sorriso como recurso terapêutico à criança hospitalizada ressaltando as lições dos palhaços doutores para um cuidado humanizado. Possui caráter qualitativo com uma abordagem fenomenológica baseado em Minayo (2004), tendo por objetivo identificar os sentimentos dos palhaços doutores do projeto de extensão Sorriso de Plantão, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), após a visita e interação do grupo com as crianças hospitalizadas, bem como analisar como tal relação interfere no processo saúde-doença das mesmas, no tratamento hospitalar, adequando lições que podem ser utilizadas pelos profissionais de saúde, principalmente a Enfermagem, ressaltando a relação interpessoal, o ambiente hospitalar, como também o ambiente interno da criança e suas mudanças através das visitas proporcionadas pelos mesmos. Constatou-se que a alegria foi o sentimento preponderante e que esta pode ser estimulada por meio da interação do palhaço com a criança de forma criativa e que o riso, também, é manifestado por meio de outras expressões corporais. É muito relevante o brincar, o bom humor, o colorido e o sorriso, dentro do ambiente hospitalar possui valor inestimável, que consideramos terapêutico, por promover momentos de alegria, descontração e relaxamento.

PALAVRAS-CHAVE

Sorriso. Crianças hospitalizadas. Palhaços doutores.

ABSTRACT

This study describes the smile as a therapeutic resource for hospitalized children highlighting the lessons of clown doctors to a humanized care. Has qualitative character with a phenomenological approach based on Minayo (2004), aiming to identify the feelings of clown doctors extension project Duty Smile, the Federal University of Alagoas (UFAL), after the visit and group interaction with children hospitalized, as well as how to analyze this relationship interferes with the health-disease process of them in the hospital treatment, adapting lessons that can be used by health professionals, mainly nursing, emphasizing the interpersonal relationship, the hospital environment, but also the internal environment child and its changes through the visits provided by them. It was found that the joy was the dominant feeling and this can be stimulated through the clown's interaction with the child creatively and that laughter also is manifested through other bodily expressions. It is very important the play, good humor, colorful and the smile, in the hospital environment has invaluable, we consider therapeutic, for promoting moments of joy and relaxation.

KEYWORDS

Smile. Hospitalized children. Doctors clown.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Sorriso de Plantão, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que tem como público alvo as crianças internadas na unidade pediátrica do Hospital Universitário Dr. Alberto Antunes (HUPAA), Hospital Escola Dr. Helvio Auto (HEHA), Hospital Geral do Estado Prof. Osvaldo Brandão Vilela (HGE), Santa Casa de Misericórdia (Unidade Farol) e Clínica Infantil Dr^a. Daisy Breda teve seu início desde o ano de 2002, ocorre todos os sábados, por meio das visitas dos palhaços doutores que têm uma duração de 3 horas.

Reuniões mensais, que ocorrem aos domingos, são realizadas com todo o grupo para avaliação e acompanhamento das atividades implementadas. O projeto Sorriso de plantão é um trabalho voluntário, desenvolvido por um grupo de universitários dos cursos da UFAL e da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), embora todo universitário possa participar do mencionado Projeto. Este grupo apresenta-se caracterizado com vestimentas e adereços coloridos, jaleco e nariz vermelho de palhaço. Dispõe-se a oferecer doses de bom humor, por meio de gargalhadas, injeções de ânimo, brincadeiras como esconde-esconde, dança, música, desenho, pintura, colagem, narração de histórias infantis, uso de fantoches, entre outros meios de acordo com a vontade e disposição da criança.

Segundo Araújo e Guimarães (2009), Mota e outros autores (2012), Caires e outros autores (2013) e Caires e outros autores (2014), o palhaço doutor por meio do lúdico possibilita a criança vivenciar uma diversidade de transformações no ambiente hospitalar. Elas se dispõem mais a aceitar melhor o tratamento convencional, tornando-se mais receptivas e alegres, com os pais e funcionários.

Conforme Silva e Omura (2005), rir é uma atividade saudável e aeróbica, a qual promove um relaxamento no corpo, reduzindo a produção de hormônios relacionados ao estresse. Segundo Capela (2011) e Castro, Peruch e Ferreira (2014), o riso é como expressão de alegria, na qual melhora os sistemas cardiovasculares, respiratório, imunológico, muscular, nervoso central e endócrino, dentre outros. É por meio da risoterapia que as chamadas sensações desagradáveis são esquecidas através de momentos de descontrações.

Diante da vivência, observou-se que os palhaços doutores, no ambiente hospitalar, o utiliza no relacionamento com a criança com sua criatividade e improvisação, proporcionando um campo de possibilidade para a expressão do sorriso infantil, reduzindo, desta forma, o estresse e oferecendo conforto. Também se percebeu que a criança hospitalizada sofre uma dupla agressão, interna pela própria patologia e externa pelos procedimentos realizados, aos quais são desconhecidos (ESTEVES, ANTUNES; CAIRES, 2014; CASTRO, PERUCH; FERREIRA, 2014; SOLDATELLI; SALERNO, 2015).

O palhaço doutor com sua sensibilidade utiliza o brincar como uma forma de entrar no mundo da criança, Motta e Enumo (2004) revelam que o brincar é uma linguagem universal e que remete ao prazer e alegria não somente às crianças, como aos próprios profissionais que estão ali diariamente em contato com os pequenos, fazendo com que a relação profissional e paciente seja mais rica.

Na medida em que os palhaços doutores proporcionam momentos de diversão, alegria e riso para as crianças, mais desenvolvem sua espontaneidade e criatividade, ademais os que eram mais tímidos ficavam mais desinibidos, por trás da roupa de palhaço emergia a criança que fora internalizada pelo próprio palhaço doutor (SOLDATELLI; SALERNO, 2015).

Conforme Esteves, Antunes e Caires (2014, p. 2):

[...] a humanização hospitalar evidencia-se como um bem e uma necessidade reconhecida, quer ao nível das concepções teóricas, quer entre os usuários dos serviços. Apesar de este conceito estar habitualmente associado à ideia de um atendimento afetuoso, empático e atento às necessidades do paciente, a humanização é um desafio transversal a todos os atores em saúde. Adicionalmente, a humanização vai para

além de quem é cuidado, mas, envolvendo, também, os seus cuidadores e demais atores do contexto hospitalar.

Por considerar a importância das atividades realizadas pelo palhaço doutor com a criança hospitalizada, é que se percebeu a necessidade de compreender os sentimentos dos palhaços doutores do grupo Sorriso de Plantão, considerando o sorriso como recurso terapêutico à criança hospitalizada. Visando, sobretudo, proporcionar à enfermagem lições para um cuidado mais humanizado e individualizado.

2 METODOLOGIA

A fenomenologia descrita por Minayo (2004) se constituiu o fundamento teórico que respaldou a compreensão do fenômeno estudado. Consideramos a fenomenologia como uma oportunidade de entrar em contato com a subjetividade do ser humano em sua vida cotidiana.

Por meio desse tipo de estudo buscou-se a compreensão dos sentimentos de alguns integrantes do grupo Sorriso de Plantão dos anos de 2006 e 2007, considerando o sorriso como recurso terapêutico para um cuidado humanizado.

Considerando os fenômenos envolvidos neste estudo, escolhemos o método de abordagem qualitativo, por possibilitar uma maior aproximação com a realidade em questão. Levando-se em consideração que “[...] a pesquisa qualitativa baseia-se no fato de que o agir humano visa um sentido, tem valor, que não pode ser captado por uma explicação nomológica, ou seja, por relações simples de causa e efeito ou uso de instrumental estatístico” (LEOPARDI, 2002, p.195).

Esse trabalho teve como cenários vários ambientes que proporcionaram a realização das entrevistas, entre eles a Pediatria do HUPAA, Clínica Cirúrgica, o Centro de Oncologia e a Cantina, como também as residências pessoais. Foram utilizados outros locais de escolha dos palhaços doutores de acordo com a comodidade e preferências deles e das pesquisadoras.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de acordo com a disponibilidade dos mesmos para entrevista, em número de 19. Tais sujeitos foram integrantes do projeto Sorriso de Plantão no ano de 2006 e 2007, que realizaram e realizam visitas, caracterizados de palhaços.

As informações foram produzidas por meio de uma entrevista semiestruturada, informal, em que foram abordadas perguntas, em relação às experiências vivenciadas pelos palhaços-doutores e a sua atuação no projeto de extensão Sorriso de Plantão, junto à criança hospitalizada, enfocando seus sentimentos diante das mesmas, com o objetivo de responderem ao objeto de estudo proposto.

O período de realização das entrevistas compreendeu os meses de setembro a novembro de 2007. Foi utilizado um gravador (mp3), como também transcritas as informações para o papel, após a autorização dos sujeitos, com o fim de analisar as informações coletadas na entrevista.

O início do estudo se deu por meio da autorização da direção do HUPAA/UFAL, para que as entrevistas pudessem ser realizadas. Em seguida o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Alagoas na qual foi aprovado. Após a aprovação iniciou-se o processo de aproximação do sujeito e de acordo com a disponibilidade e preferência dos mesmos, foi esclarecido o objeto de estudo, seus objetivos, a forma de participação na pesquisa, sendo os participantes voluntários, sem qualquer opressão. Após os devidos esclarecimentos, foram solicitadas a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As informações coletadas seguiram as questões éticas de pesquisa com seres humanos obedecendo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos importante destacarmos neste estudo, algumas atitudes dos palhaços doutores que podem ser empregadas pelos profissionais de enfermagem para um cuidado mais humanizado, influenciado pelo arquétipo de palhaço, deste modo, subverte-se a lógica atual da assistência de enfermagem.

Esteves, Antunes e Caires (2014) evidenciam que o palhaço doutor modifica a visão do ambiente hospitalar, conforme é evidenciado nas falas descritas a seguir:

Os palhaços mudam o ambiente, as crianças que estão tristes mudam, ficam mais alegres. (Dr. Didi).

A função do palhaço doutor não difere do palhaço original. Tentar mudar o ambiente, fazendo com que a criança se sinta bem, protegida, curada, levar alegria. (Dr. Pimpolho).

Fundamentadas nas falas acima, percebe-se que o palhaço doutor é um agente de transformação, por meio de sua irreverência e simplicidade proporciona alterações no meio externo.

Para estes palhaços doutores é possível à criança sentir alegria, mesmo em ambiente adverso com normas rigorosamente preestabelecidas, sabe-se que, embora o tratamento seja promovido, produz dor física, psicológica e relacional, con-

forme considera Dra. Betuka: “O tratamento hospitalar é difícil. Nenhuma criança gosta de levar injeção, tomar remédio ruim.”

Ainda em se tratando do contexto hospitalar, Titica afirma: “O palhaço diminui a imagem ruim do Hospital, quebra a frieza, traz leveza aos funcionários e paciente”.

Como pode ser observada na citação acima, a quebra da rotina não beneficia apenas as crianças. Os palhaços doutores interagem com toda a equipe, oportuniza aos profissionais a diversão.

Em um ambiente considerado frio, local de morte e dor, os palhaços doutores conseguem mudar um pouco essa trajetória, descontraindo não só as crianças, mas todos que estão presentes ou que fazem parte do contexto hospitalar. Dra. Pitoca destaca um pouco do colorido, na qual o palhaço doutor está associado à cor, e faz utilização das mesmas sem nenhuma reserva pelo seu poder curativo:

É um ambiente que o tempo não passa. Aí vem o colorido do palhaço, a questão psicológica que envolve de uma maneira geral. As pessoas que trabalham os funcionários, para eles a rotina também é quebrada, visto que, eles vêem tanto sofrimento. O sábado para eles é um dia diferente.

Em pesquisas realizadas sobre os efeitos da presença dos palhaços doutores, por meio da sua atuação, colorido, médicos apontam alterações de comportamento: crianças prostradas ficam mais ativas, as quietas passam a se comunicar mais. Melhora e/ou aumenta o contato com a equipe e com o tratamento médico, acelera-se a recuperação pós-operatória e a hospitalização torna-se menos ameaçadora (ESTEVES, ANTUNES; CAIRE, 2014).

A presença do palhaço doutor não só muda o ambiente hospitalar, mas também, pode contribuir para o tratamento convencional da criança hospitalizada. É o que se esclarece na fala de Dr. Pamonha: “Tinha uma criança com depressão no prontuário, e a gente não percebeu isso no plantão. Ela interagiu normal como as demais crianças”.

É rotina do palhaço doutor consultar o prontuário das crianças antes dos plantões para conhecer a patologia, o seu tipo de tratamento e como está evoluindo o quadro clínico. O palhaço doutor precisa conhecer os limites da criança a fim de não ultrapassá-los, ou causar qualquer dano, sempre respeitando suas preferências para brincar e seus limites.

A atuação mais presente no envolvimento dos palhaços doutores com as crianças está na modificação das histórias após a atuação dos artistas. Com o enriquecimento de conteúdo, expressão de conflitos, resoluções melhores ou mais positivas.

Essas modificações são um indicativo de mudança positiva na relação da criança hospitalizada (MASETTI, 2002; ESTEVES, ANTUNES; CAIRE, 2014). Esse contexto é percebido na fala a seguir: "A criança vive a fantasia das historinhas, tem sonhos através de atividades lúdicas, faz uma terapia, exercita os músculos" (Dra. Estrelinha).

Para Winnicott (1975), brincar é universal e próprio da saúde, facilitando o crescimento do indivíduo, os relacionamentos grupais e a comunicação. Segundo ele, o sentido de liberdade e de criatividade está diretamente ligado a possibilidade de a criança viver o lúdico. É no brincar e talvez apenas neste que a criança ou adulto fluem sua liberdade de criação (MASETTI, 2003; ESTEVES, ANTUNES; CAIRE, 2014).

Segundo Albert Ellis, psicólogo americano que desenvolveu a Psicoterapia Racional Emotiva, o que importa não são os fatos, mas como nos sentimos diante deles. Assim, é que um mesmo fato pode provocar sentimentos diferentes em pessoas diferentes, dependendo das circunstâncias de vida de cada um (MIRANDA; FELDMAN, 2002).

Através do brincar a criança expressa seus sentimentos de tristeza, alegria, ansiedade. O palhaço percebe isso e vai animá-lo, dar sentido á vida, tipo não quer comer, o palhaço dá força, estimula e isso vai melhorar no seu estado clínico. (Dra. Estrelinha)..

De acordo com a percepção da Estrelinha podemos observar que por meio das brincadeiras, proporcionadas pelos palhaços doutores, a criança demonstra seus sentimentos, e por meio da percepção de suas peculiaridades, a interação ocorre de forma benéfica, melhorando sua situação clínica.

Para Lowen (1997, p. 17), quando a pessoa não expressa suas emoções por medo de punições verbais ou físicas, as diferentes partes do corpo reagem por meio de tensões musculares crônicas, instaladas no pescoço, ombros, peito, alto das costas, região lombar e pernas. Essas tensões impedem a livre expressão do indivíduo, consequentemente, amortecendo a sensibilidade para os sentimentos advindos no futuro.

Por mais que o ser humano tente esconder a sua emoção, o corpo fala do que a mente ou o coração sente. Chupeta e Cangaceiro confirmam abaixo este nosso entendimento quando descrevem como a criança rege ao vê-los por meio da exteriorização de suas emoções:

Há uma diferença grande na pediatria, na semana e no sábado, mesmo antes do plantão, se você subir no terceiro andar, o clima é menos pesado no sábado. Apesar das dores, perda de punção você ainda consegue ver o sorriso da criança, uma gargalhada, o sorriso da mãe, essa alegria que o Sorriso de Plantão me transmite. (Dr. Chupeta).

A gente via uma melhora no estado geral da criança, mais alegre, interagindo com outras crianças, visto que no começo, ela vem mais teimosa e arredia. (Dr. Cangaceiro).

Para Magalhães (2006), o processo comunicacional é sustentado pela contínua troca de afetos e o sorriso, como elemento intercomunicacional, é um instrumento que permite que essa troca se efetue.

Quando não ocorre uma comunicação efetiva, o paciente pode se sentir frustrado, estressado por não obter a realização de seus anseios ou das suas necessidades. No entanto, uma boa relação terapêutica é construída por meio do respeito, carinho e amor mútuo (ESTEVEZ, ANTUNES; CAIRE, 2014).

Ao realizar o seu trabalho na pediatria do HUPAA, Titica sente a importância do afeto e quanto o palhaço doutor é valioso para criança. Buzina realça a ansiedade que antecede a visita e como estas crianças são receptivas a presença do palhaço doutor.

Toda vez que uma criança de forma espontânea me abraça, pede atenção, a gente sente o quanto é importante o afeto entre as pessoas e o quanto somos importantes para ela. (Dra. Titica).

Eles ficam bem ansiosos quando sabem que a gente vai chegar, são receptivos. Essa ansiedade e receptividade refletem que somos úteis. (Dra. Buzina).

Diante das entrevistas citadas acima, podemos perceber que a criança durante a semana é um paciente indiferente, na qual tem que obedecer a normas e rotinas hospitalares, porém aos sábados, elas ficam na expectativa da oportunidade de expressarem verdadeiramente a criança interior por meio do brincar e do sorrir.

Podemos perceber na fala a seguir que a alegria é contagiante, sendo uma emoção recíproca favorecendo tanto a criança, quanto àqueles que a fazem sorrir. "Alegria é estar sorrindo, estar de bem com a vida, não pensar nos problemas. Você estando triste pensa muito nos problemas e acaba aumentando" (Dra. Miuxa).

De acordo com Capela (2011), o sorriso é sem dúvida um mecanismo que vai desencadear o comportamento comunicacional do homem e do seu desenvolvimento cognitivo consequente, funciona como organizador do psiquismo humano.

Para os palhaços doutores o sorriso é benéfico para todos, como também em diversas situações uma recompensa ou lição de vida. Isso é ilustrado a seguir:

A percepção de dever cumprido se dar com um simples gesto da criança, que é o "sorriso". Mesmo com soro, na cama, sem poder se movimentar muito, diante da dor, um sorriso brota nos lábios de uma criança, é sem dúvida um grande passo no seu tratamento, e para nós uma vitória. (Dra. Dinda).

A gente não sorri da mesma forma na nossa vida cotidiana. Aqui você aprende a fórmula mágica do sorriso. Determinadas crianças marcam muito. Com o Anderson, aprendi que nossas limitações físicas não nos impedem de sorrir, muito menos de viver intensamente, buscando a cada dia um novo motivo para sorrir. (Dra. Fofuxa).

Para Magalhães (2006, p. 26), a expressão de alegria pode ser evidenciada por meio do sorriso, em todas as raças humanas e em todos os tempos. Podemos perceber isso na fala da Dra. Pakita: "A alegria é caracterizada em um sorriso".

O palhaço doutor, por meio da criança hospitalizada, entra em contato com a sua criança e permite viajar nesse mundo mágico do lúdico, da fantasia, sendo feliz sem preocupações ou esquecendo-os por alguns instantes.

Em se tratando de Dra. Pituca, a mesma revela que:

A alegria não é barulho, nem é alarme, é paz do sorriso, olhar, estado de espírito, estar de bem comigo e com os meus pensamentos, não apenas estado de espírito, mas também ao proporcionar alegria aos outros sinto-me alegre.

Para a entrevistada acima, a alegria é evidenciada por um profundo estado de espírito, a mesma se alegra em poder compartilhar essa alegria interior com o próximo.

Na área de saúde, normalmente os aspectos emocionais e os sentimentos do seu ajudado são passados ao largo, esquecendo-se de que, atrás do sintoma, existe uma pessoa sentindo alguma coisa á nível do eu (MIRANDA; FELDMAN, 2002).

Para joaninha, a maioria das pessoas procura o serviço de saúde, na esperança de serem ouvidas, e não para uma consulta física. No entanto, a maior angústia delas se encontra em razão de não receber atenção por parte dos profissionais diante do seu problema.

Muita gente que procura o serviço de saúde, não quer uma consulta, quer ser ouvido. A gente fragmenta o paciente como se ouvi-lo fosse o trabalho de um psicólogo, ver o paciente como todo, chamá-lo pelo nome. (Dra. Joaninha).

Para Pupulim e Sawada (2002), os enfermeiros ao interpretarem superficialmente as competências de enfermagem, provavelmente compreendem apenas o que reporta ao tecnicismo da assistência de enfermagem, não levando em consideração os aspectos individuais e emocionais dos doentes quanto à preservação da sua intimidade, do seu espaço pessoal e territorial.

De acordo com a entrevistada abaixo, tanto a criança quanto o adulto apresenta diferenças, porém todos necessitam de cuidados diversificados de acordo com a necessidade de cada um.

Aprendi com a criança no lado profissional e pessoal. Cada paciente é diferente, a gente tem que respeitar as diferenças, seja criança ou adulto, a gente tem que fazer com que a vida deles melhore um pouquinho. (Dra. Betuka).

Por meio da visão do palhaço doutor, poderemos nos deparar com uma diversidade de situações, mas de acordo com sua sabedoria, irreverência e alegria, terão a capacidade de enfrentá-los sem medo, dor ou sofrimento. Sabendo enxergar o ser humano como um todo, respeitando seus limites, suas vontades e principalmente suas peculiaridades.

4 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos por meio da coleta de dados oriundos das falas dos palhaços doutores que participaram das entrevistas, bem como a sua análise, possibilitou o alcance do objetivo proposto.

De acordo com os sentimentos vivenciados pelos entrevistados junto à criança hospitalizada, pode-se perceber que a alegria foi preponderante e que esta pode ser estimulada por meio da interação do palhaço doutor com a criança de forma criativa.

O sorriso nesta experiência apareceu como a expressão da alegria, todavia percebeu-se que tanto o palhaço doutor quanto a criança manifestam o riso, também, por meio de outras expressões corporais.

Os sentimentos retratados pelos palhaços doutores estavam estritamente relacionados ao que eles viam expresso no comportamento da criança. Assim sendo, o palhaço doutor sente satisfação em proporcionar o sorriso à criança de tal modo que experimentam a sensação de dever cumprido.

Com este trabalho contribui-se significativamente no que diz respeito à importância do brincar, do bom humor e colorido no ambiente hospitalar, como também as relações estabelecidas pelos palhaços doutores que enfocam o respeito mútuo, a promoção de um ambiente livre e consideram a essência da criança.

Também foi possível abordar o valor do sorriso dentro do ambiente hospitalar, considerado como terapêutico, por promover momentos de alegria, descontração, relaxamento, cujo propósito foi desviar a atenção dos sentimentos de tristeza e dor, ao mesmo tempo em que era promovido suporte para a criança lidar com a adversidade do adoecimento.

Contudo, pelas ações e sentimentos dos palhaços doutores a enfermagem tem a oportunidade de aprender uma variedade de lições para um cuidado humanizado, tendo como implicação uma melhoria nas relações com os seres humanos, respeitando a individualidade como, por exemplo, chamar o paciente pelo nome e deixá-lo vivenciar suas emoções, podendo utilizar o lúdico, adereços coloridos para despertar atenção na criança, como uma possibilidade de facilitar a adesão da criança ao tratamento.

Entretanto, sugerimos que a risoterapia seja associada ao tratamento convencional da criança hospitalizada, incluindo os palhaços doutores como membros da equipe hospitalar, considerando que a medicação, procedimentos de enfermagem são tão importantes quanto o divertimento para o crescimento, desenvolvimento, melhor assistência ao paciente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Teresa Cristina Cavalcante de; GUIMARÃES, Tathiane Barbosa. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, ano 9, n.3, 2009.

CAIRES, Susana. *et al.* Vantagens da presença dos doutores palhaços no contexto hospitalar: as expectativas dos profissionais de pediatria. **Indagatio Didactica**, v.5, n.2, 2013.

CAIRES, Susana. *et al.* Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v.19, n.3, 2014.

CAPELA, Renata Campos. Riso e bom humor que promovem a saúde. **Rev. Simbiologias**, v.4, n.6, 2011.

CASTRO, Elizabeth; PERUCH, Cecília; FERREIRA, Natália. Doutores palhaços em ambiente hospitalar: O uso do riso como instrumento terapêutico. IN: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 31, 2014, Florianópolis. **Anais do 31º SEURS**. Florianópolis: UFSC, 2014.

ESTEVES, Carla Hiolanda; ANTUNES, Conceição; CAIRES, Susana. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. **Interface** – comunicação, saúde, educação, 2014.

LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Florianópolis: UFSC, 2002.

LOWEN, Alexandre. **Alegria**: a entrega ao corpo e à vida. 2.ed. São Paulo: Summus, 1997.

MAGALHÃES, Freitas. **A psicologia do sorriso humano**. Porto: UFP, 2006.

MASETTI, Morgana. **Soluções de palhaços**: transformações na realidade hospitalar. 5.ed. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MASETTI, Morgana. **Boas misturas**: a ética da alegria no contexto hospitalar. 1ed.. São Paulo: Palas Athena, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MIRANDA, Márcio Lúcio de; FELDMAN, Clara. **Construindo a relação de ajuda**. 13.ed. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

MOTA, Gabriela Maia. *et al.* A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do "doutor palhaço" em um hospital universitário. **Rev. Bras. Promoç. Saúde**, v.25, Supl.2, Fortaleza-CE, abr-jun. 2012. p.25-32.

MOTTA, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento de hospitalização infantil. **Psicologia em Estudo**, v.9, n.1, Maringá, 2004. p.19-28.

PUPULIM, Jussara Simone Lenzi; SAWADA, NamieOkino. O cuidado de enfermagem e a invasão da privacidade do doente: uma questão ético-moral. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.10, n.3, 2002.

SILVA, Patrícia Helena de; OMURA, Karina Michel. Utilização de risoterapia durante a hospitalização: um tema sério e eficaz. **Rev Enferm UNISA**, 2005.

SOLDATELLI, Matheus Dorigatti; SALERNO, Margareth Rodrigues. O papel do trabalho voluntário como doutor-palhaço na formação médica. **Revista da AMRIGS**, v.59, n.2, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Data do recebimento: 13 de setembro de 2015

Data da avaliação: 14 de setembro de 2015

Data de aceite: 4 de dezembro de 2015

-
1. Graduanda do curso de enfermagem do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. Email: andressal.cavalcante@hotmail.com.
 2. Graduanda do curso de enfermagem do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. Email: laise_gabrielly@bol.com.br.
 3. Docente do curso de enfermagem do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL. Email: enfamariarosa@yahoo.com.br.
 4. Enfermeira, especialista em Estratégia de Saúde da Família e em Enfermagem Dermatológica. Email: danielasandes@bol.com.br.
 5. Docente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Email: cicera.albuquerque@hotmail.com.